

COTIDIANISTAS NO CAMPO DO CURRÍCULO: CONCEPÇÕES EPISTEMOLÓGICAS, FENOMENOLÓGICAS E METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS COM OS COTIDIANOS

FLAVIANA DEMENECH¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – flavianademenech@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel – jarbas.vieira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar, pensar, refletir e falar sobre e com a escola necessita, ao mesmo tempo, compreender a sua complexidade¹, movimento, acontecimentos, visto que nos cotidianos envolve-se ao mesmo tempo, produção, inculcação, (r)esistência, (des)continuidade, manutenção, (r)enovação, saberes, fazeres, ações, tensões, cuidados e emancipações.

Os processos constituídos na realidade escolar vão permitindo articular a prática cotidiana com o movimento social, em seu sentido histórico, de acordo com o tempo e o contexto específico e, principalmente, com os diferentes sujeitos que os protagonizam. Nesse processo inacabado da constituição da escola, nos cotidianos da escola, permeado por relações sociais, culturais, históricas, gerir a complexidade da escola não se dá de uma única forma.

A forma de gerir a complexidade dos cotidianos, o comandar, o organizar a escola em movimento, as ações, tensões, produções, disposições, fazeres, poderes, dizeres e as relações entre os praticantes presentes no dia a dia da escola, imprime em cada lugar um modo próprio de operar essa complexidade.

É na relação com os cotidianos, os sujeitos *praticantespensantes*² e as múltiplas redes que as ações, reações, disposições, culturas, atuam no currículo. Produzindo, tecendo e hibridizando conhecimentos, saberes, fazeres e poderes.

Diante desse contexto, a finalidade da pesquisa é investigar e compreender as concepções epistemológicas, fenomenológicas e metodológicas dos estudos com os cotidianos, em especial o currículo, a partir das pesquisas dos cotidianistas. Estes, pesquisadores brasileiros autodeclarados cotidianistas do campo do currículo, em especial, ALVES (2001, 2003); FERRAÇO (2003, 2006); GERALDI (1994) e OLIVEIRA (2012).

2. METODOLOGIA

¹ “Pensamos que, se algo é complexo por sua condição de ser *tecido junto* (MORIN, 1990), qualquer tentativa de nominar ou identificar algum termo associado à educação, como avaliação, currículo, planejamento, ensino, aprendizagem, gestão,... só nos levaria a simplificar, a reduzir a dimensão de complexidade da mesma. De fato, consideramos que na complexidade da educação praticada no cotidiano escolar acontece tudo ao mesmo tempo e com todos por meio de *traduções, performances, invenções, hibridações, mímicas,...*” (FERRAÇO, 2006, p. 5).

² A aglutinação de termos, estética de escrita validado por Nilda Alves (2002), tem como pressuposto e objetivo produzir e ampliar sentidos e significações tecidos em redes, por uma junção e para romper a dicotomia do saber e da realidade. “A partir dessa compreensão, nas pesquisas com os cotidianos, escrevemos esses termos que nos acostumamos a ver dicotomizados pelo desenvolvimento das ciências na Modernidade, formando uma só palavra e em itálico: *espaçotempos; aprendizagensensinos; dentrofora; prácticateorias*; etc. Esse modo de escrever/pensar serve para mostrar os limites que essa visão dicotomizada cria ao desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos” (ALVES, 2003, p. 160). Estética de escrita, da qual, irei utilizar no decorrer desse trabalho.

Nas pesquisas e estudos com os cotidianos, pelo fato do espaço da escola ser constituído e permeado pelas múltiplas redes, os sujeitos são os protagonistas e autores coletivos da pesquisa, não são apenas objetos investigativos e de análises. Sujeitos da pesquisa, pois vivenciam e sentem aquele *tempoespaço* de várias formas, modos, jeitos, subjetividades, Por isso, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, dentre as várias possibilidades metodológicas oferecidas por essa abordagem, esse estudo possui um caráter exploratório. Com vistas a descrever, explicar, decodificar e interpretar a dinâmica dos fenômenos, das relações históricas, sociais, políticas da concretização, fundamentação e constituição de um novo olhar para as pesquisas com o cotidiano no campo do currículo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este texto é parte inicial de uma investigação maior que estou desenvolvendo, acerca das pesquisas e estudos dos cotidianistas no campo do currículo constituírem um campo próprio de conhecimento, no doutoramento em Educação.

Muitas das pesquisas voltadas à escola e seus cotidianos atrelaram-se a um olhar crítico apenas para as suas deficiências, carências, para os problemas com a aprendizagem, com o atendimento dos alunos, com os conhecimentos dos professores, enfim, com os fatores do insucesso escolar, tanto dos alunos como dos professores.

É nesse contexto, que os cotidianistas, teóricos brasileiros do campo do currículo como Nilda Guimarães Alves (UERJ), Corinta Maria Grisolia Geraldi (UNICAMP), Regina Leite Garcia (UFF), Inês Barbosa de Oliveira (UERJ), Carlos Eduardo Ferraço (UFES), Janete Magalhães Carvalho (UFES), Maria Luiza Sússekind Veríssimo Cinelli (UNIRIO). Três gerações de cotidianistas puderam inferir outras possibilidades teórico, conceituais, epistemológicas³, fenomenológicas e metodológicas⁴ dos estudos com os cotidianos.

Mais do que adaptação de metodologias conhecidas, a tentativa que aqui se esboça, e que faz parte de uma comunidade de pesquisa mais ampla, busca apontar movimentos teóricos-metodológicos para além das explicações causais e lineares que se fazem presentes em alguns modelos consagrados de pesquisa (FERRAÇO, PEREZ; OLIVEIRA, 2008, p. 17).

Outras formas e modos de olhar, pesquisar e respeitar as histórias vividas com os cotidianos. Ao passo que permite questionar as objetividades propostas para a escolas, como um documento a ser chamado de currículo.

³ Os enfoques epistemológicos desses teóricos se dão em três grupos. Um grupo está vinculado ao pensamento deleuzeano. O segundo, está em uma região de fronteira, bebe de todas as fontes, como Boaventura, Certeau, Foucault, Pinnar, Deleuze, Lefebvre. E o outro também está em uma região de fronteira, mas não se vincula a nenhum autor.

⁴ Nas pesquisas com os cotidianos, principalmente, aos grupos de pesquisadores ligados a UFF, UERJ, UFES e UNIRIO, as **conversas** entre os/as pesquisadores/as e os/as *praticantespensantes* dos cotidianos são entendidos como os lócus necessários das pesquisas. Outro aspecto metodológico, desse grupo de *pesquisadorescotidianistas* destacados é o **conhecimento e a sensibilidade do pesquisador**. Tudo importa! Nos estudos com os cotidianos a pesquisa se dá em “fazer com” e nessa relação, algo se cria. A **fabulação ou cartografar as conversas** também é uma atitude potente na pesquisa com os cotidianos. Para os cotidianistas do grupo de pesquisa GEPEC da UNICAMP, a concepção metodológica utilizada em suas pesquisas é a **experiência e ato**, considerada também como uma atitude política. Para esse grupo, a ideia de experiência se dá pelo fato de respeitar a vivência do professor pesquisador, é a partir do que este viveu e vive nos cotidianos, defesa da interação, conhecimento e experiência desse sujeito.

Para esses estudiosos dos e com os cotidianos, no campo do currículo, como ALVES (2001), OLIVEIRA (2012), FERRAÇO (2003), GERALDI (1994) os currículos são produzidos/criados no dia a dia da escola, no chão dessa instituição. Os cotidianistas, nessa tendência, em consenso, pensam e consideram um currículo para além dos textos oficiais.

A noção de currículo é de que os currículos são produções cotidianas dos *praticantespensantes* das escolas, por meio de práticas, experiências, ações em que se hibridizam e enredam conhecimentos, valores, crenças e convicções. São currículos *praticadospensados* nos diversos *espaçostempos* da instituição.

Currículos que articulem as redes de saberes, fazeres e poderes curriculares dos cotidianos e as culturas vividas pelos sujeitos praticantes desses cotidianos. Currículos, no plural, que se tecem, hibridizam e produzem na interação, entre professores e alunos, carregada de significação cultural, social, política, histórica e econômica que se interpenetram e se influenciam.

Assim, os currículos oficiais são atravessados e hibridizados por vivências, culturas, conhecimentos dos sujeitos *praticantespensantes*, e realizado diferentes produções, experimentações de múltiplas formas, redes e processos de usos, negociações. Noção de currículos, da qual irei retornar posterior.

Portanto, compreender a origem e a identidade dos estudos com os cotidianos, as contribuições que as pesquisas, dessa tendência, produziram e produzem no campo do currículo, se tornaram um desafio para essa pesquisa. Desafio, do qual, irá fundar este trabalho.

Em uma tentativa de não engessar a vida cotidiana e fugir de metodologias que antecedem os acontecimentos dos cotidianos, dos quais se utilizam de categorias, classificações, sistematizações que, inevitavelmente, caem na simplificação da diversidade e complexidade dos cotidianos. Em muitos casos, não respeitando os movimentos das redes e dos sujeitos que vivem aquele espaço, tratando o cotidiano e a escola como objeto, singular.

Essas marcas de separação entre sujeito e objeto; pressupor a lógica da diferença; do controle; falar do outro a partir do outro, ao mesmo tempo em que se separa desse (ALVES, 2003, p. 162), os *pesquisadorescotidianistas* querem se destituir em suas pesquisas.

Na literatura desses teóricos, apresentam-se quatro movimentos fundamentais para as pesquisas com os cotidianos.

Primeiro movimento, é a vida vivida nos cotidianos. Segundo Alves e Garcia (2002) chamam esse movimento, a partir de Drummond, de sentimento de mundo. Com intuito é dar visibilidade aos *saberesfazerespoderes*. Pensar os cotidianos como redes de saberes, fazeres e poderes tecidas e negociadas pelos indivíduos no cotidiano. Para eles, os cotidianos são os movimentos, tessituras e partilhas dessas redes.

Segundo movimento, tomar por base a complexidade e os processos de tessituras das redes cotidianas pelos indivíduos, em especial, na escola pública. Compreender, teorias, conceitos criados pela ciência moderna, reconhecendo os limites e dicotomias, ao passo de poder negá-las e superá-las.

Terceiro movimento, a preocupação central das pesquisas dos cotidianos é como o cotidiano acontece. A autoafirmação das pesquisas com os cotidianos.

Quarto movimento, os estudos com os cotidianos são realizados no dia a dia das escolas, em meios as tessituras, e ao que está sendo feito. É “narrar a vida e literaturizar a ciência, coloca a possibilidade de reaproximação entre ciência e arte”.

Para esses teóricos autodeclarados como cotidianistas, pensar os cotidianos é pensar sempre como uma dimensão política, epistemológica e estética, no qual se constitui nesse movimento do fazer, do uso *com*⁵ os cotidianos.

A linha de preocupação desses estudos se consolidou em compreender como se vive os cotidianos, as multiplicidades e possibilidades da vivência e o movimento com os cotidianos, em relação à escola, aos sujeitos, ao currículo e a tudo o que pulsa e que move esse lugar complexo.

De fato, o que une e vincula-se todas as pesquisas dos cotidianistas autodeclarados, no campo do currículo, das instituições UERJ, UFF, UNICAMP, UFES e UNIRIO é a interpretação e preocupação central dos estudos com os cotidianos. O núcleo das pesquisas é **como e o que acontece com os cotidianos**.

4. CONCLUSÕES

Pensar, estudar e compor os cotidianos é ir além do que está exposto nos papéis e das insuficiências da escola. É compreender a vida que pulsa dentro dela, as relações culturais, históricas, sociais, os conhecimentos, discursos, relações, ações, práticas, influências, movimentos, saberes, fazeres, poderes que se tecem, enredam-se e hibridizam-se nos cotidianos recriando, renovando, reconstruindo, fazendo a escola. Compreender o que se passa “quando aparentemente nada se passa”. Buscar apreender as múltiplas redes rizomáticas dos cotidianos e mergulhar neles.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Prefácio: continuando a conversa – apresentando o livro –. In.: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 9-14.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Os sujeitos das escolas e a complexidade de seus fazeressaberes: fragmentos das redes tecidas em pesquisas com o cotidiano. **XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2006 (Encontro).

FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 15-21.

GERALDI, C. M. G. Currículo em ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. **Revista Proposições**. Vol. 5, nº 3[15], novembro de 1994, p. 111-132.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

⁵ É fundamental para as pesquisas *com* os cotidianos, em especial, os grupos de pesquisa da UERJ, UFF, UFES e UNIRIO, por seu significado político-epistemológico, pesquisar *com*. “Com deixa claro serem dois ou mais sujeitos que, em diálogo ou polílogo, constroem conhecimentos com a escola, com o que está fora da escola, com a vida, com o mundo” (ALVES; GARCIA, 2008, p. 9).